

JOSÉ SARAMAGO: ENIGMAS DE UMA NAVEGAÇÃO METAFÓRICA*

Maria Lúcia de Oliveira Allemand

Publicado em 1986, *A Jangada de Pedra*** é o quinto romance de José Saramago. Na sequência de *Os Lusíadas*, de Camões, insere-se na tradição da literatura de viagens, ao mesmo tempo em que problematiza o “ser português”. Trata-se de uma navegação metafórica cujos enigmas buscamos decifrar.

Num tempo não nomeado, mas que é certamente o de um futuro iminente, a Península Ibérica se separa do continente europeu. Uma grande fenda rompe os Pirineus de alto a baixo. A península se torna ilha navegante, uma “jangada de pedra”.

A narrativa se abre com o duplo mistério em torno dos cães da cidade de Cerbère que, inexplicavelmente, voltam a ladrar depois de uma incrível e secular mudez. Simultaneamente, em localidades distintas umas das outras, cinco personagens — três homens e duas mulheres — são protagonistas de eventos insólitos. Que acontecimentos são estes?

Joana Carda risca displicentemente o chão com uma vara de madeira e este risco nunca mais se apaga. Numa praia ao norte, Joaquim Sassa, também distraidamente, lança uma pedra ao mar e ela salta várias vezes sobre a água antes de cair. Numa cidade espanhola, um velho farmacêutico chamado Pedro Orce sente a terra tremer sob seus pés embora os modernos sismógrafos do mundo nada registrem de anormal. José Anaiço, professor do Ribatejo, vê-se

(*) Palestra proferida no Real Gabinete Português de Leitura, no dia 17/11/93.

(**) As remissões às páginas do romance se referem à edição de 1986, Lisboa, da Editorial Caminho.

subitamente acompanhado por uma escolta de pássaros. E, finalmente, na Galiza, Maria Guavaira, qual Penélope enfasiada, desfaz as malhas de uma velha meia de lã, produzindo, interminavelmente, montes de fio azul. Este é o primeiro capítulo do livro, fechado em cinco enigmas, e aberto, a partir daí, para uma dupla aventura, uma na terra, outra no mar.

Por força da simultaneidade que os rege, os cinco enigmas mantêm uma relação entre si e todos com o fenômeno maior da ruptura dos Pirineus. Um narrador de terceira pessoa acompanhará a grande viagem da jangada de pedra pelo “mar aberto” ao mesmo tempo em que vai relatar a viagem e o encontro dos personagens no interior da península. Navegando contra as leis da física, o artefato se projeta para o Atlântico e para o futuro, reinterpretando a sentença de Carpentier, epígrafe do romance: “Todo futuro es fabuloso”.

Além dos pequenos enigmas se articularem com o enigma maior, cada personagem, além do fato extraordinário que lhe acontece, porta um nome e vive um destino, de certo modo também metafórico. O nome próprio é um significante privilegiado, polissêmico no corpo da narrativa.

No caso de Joana Carda, o nome referencia não só a mulher mas a própria narrativa que com ela se inicia: “Quando Joana Carda riscou o chão (...)” (p.9). *Carda* é “máquina de desembaraçar, destrinçar e limpar fibras têxteis”; *cardar* equivale a desenredar. Valendo-se disso, o narrador parece propor uma tarefa: a de desenredar, pela leitura, os fios imperceptíveis que compõem o tecido-texto.

Como protagonista do enigma do risco indelével, Joana Carda aponta para dois rompimentos: o da sua recente separação conjugal e o da separação da península, ambos implicando um corte com o passado e com a tradição:

(...) tracei um risco que me separava de Coimbra, do homem com quem vivi, definitivamente um risco que cortava o mundo em duas metades, vê-se daqui. (p.148)

O risco no chão prefigura a fenda nos Pirineus e representa a libertação da *mulher* e da *península* dos fios enredados e embaraçantes de suas histórias. O destino é o da *procura do amor*, de um novo amor. O nome, o enigma e o destino do personagem são a versão particular e individualizada da situação coletiva.

Ao contrário de Joana, marcada pela procura, Maria Guavaira representa a mulher disponível, generosa, que está à *espera do amor*. O primeiro capítulo fecha-se com ela, “aos pés da desenredadeira” que destece a meia. Uma desenreda pelo nome, a outra pela espera. Labirinto-vida e labirinto-narrativa ajustados numa relação análoga em que o fio é simultaneamente a “montanha que vai crescendo” e o livro que vai ganhando sentido. O narrador constata: “Maria Guavaira não se chama Ariadne, com este fio não sairemos do labirinto, acaso com ele conseguiremos enfim perder-nos” (p.18). Guavaira é o seu nome, sonhado por sua mãe louca. Significante aberto e imotivado, “nome

que ninguém mais tem” (p.264), arrasta-nos para a galega Guarvaia, destinatária de uma cantiga de amor feita pelo seu amante, o rei, que a teria presenteado com um manto. Guavaira des-tece o tecido da Guarvaia, numa possível desconstrução do passado. O passado é o manto, tecido de fios entrelaçados. O presente é a meia desfiando-se, fios soltos no ar à espera de novas tessituras.

Corruptela de Inácio, avô do personagem, José Anaiço, tal como Joana Carda, por quem se apaixona, está separado da família. Originário do Ribatejo, divorciado e sem filhos (tal como o autor) é um professor em férias, um intelectual a quem o narrador concede função reflexiva ao longo da narrativa. Protagonista do enigma dos pássaros (estorninhos) sobre sua cabeça, Anaiço parece alegorizar o duelo entre razão e sentimento, vencendo este quando ele cede ao amor. Os pássaros representam a face logocêntrica do ser, impermeável à moção e, talvez, à imaginação, desaparecendo de sobre o personagem “na hora de principiar-se outro vôo” (p. 172), o vôo do amor. A consagração desta primeira união implica um recomeço afetivo que prefigura o recomeço político para a Península.

No primeiro capítulo, Joaquim Sassa atira uma pedra ao ar e ao mar; no décimo-segundo, ele alcança a ponta do fio de lã que ondulava no ar, levando-o ao amor e ao encontro com Guavaira. Esta, a Penélope da espera, acolhe o seu Sassa/Ulisses, paronomásia que nos reenvia à mítica fundação da nacionalidade portuguesa. Entre uma *pedra* e um *fio*, entre uma primeira causa e um último efeito, muitas coisas acontecem. Tal como na cena antológica de 2001, *uma odisséia no espaço*, em que um osso atirado ao ar se transforma em nave espacial, escapa-nos a ciência da causalidade que insiste em, cartesianamente, dar conta da realidade. Na celebração simbólica da união deste casal pelo uso da mesma colher — ressonância de outro amor, o de Baltasar e Blimunda — dá-se outro recomeço em que o *fio* da paixão envolve uma mente de *pedra*. O personagem assiste a um novo salto, ou seja, aquele que executa o seu até então indiferente e empedernido coração.

Também de “pedra” compõe-se o nome de Pedro Orce, o velho. Aí o sema “pedra” percorre outros caminhos. É “pedra” enquanto base, fundamento, sustentação de uma nova comunidade (“Tu és pedra e sobre ti edificarei a minha Igreja”, disse Cristo ao apóstolo). Como ancião, tem características sagradas, pois, por ter envelhecido sem desaparecer, evoca sua ligação com forças supratemporais de conservação. Sua resistência ao tempo é prova de solidez, autenticidade, verdade. Seu sobrenome — Orce — revela sua origem andaluza, região em que se teria encontrado o mais antigo fóssil humano da Europa. Como parte que é da península/jangada, seja por ser “pedra”, seja por pertencer, figuradamente, às profundezas da cidade de Orce, Pedro Orce é um sensibilíssimo sismógrafo humano capaz de anunciar, graças aos seus poderes paranormais (observe-se que ele é um farmacêutico, ou seja, um prestidigitador), o começo e o fim do grande movimento da “jangada de pedra”. Pedro Orce reencarna o velho homem peninsular que, ao final, será

enterrado pelos dois casais, depois de ter lançado sua semente no útero das duas mulheres. Sobre sua sepultura, a vara de madeira reverdecerá.

Para minimizar a sua solidão no meio dos casais, Orce encontra consolo na amizade com o cão, prodigioso como ele, o “cão que tem todos os nomes e nenhum” (p.217). Este animal singular, da raça de Cérbero, conduz os viajantes pela península até a casa de Guavaira, tendo na boca pedaço do fio de lã azul. Tem vários nomes: é Piloto, é Fiel, é Constante, é Ardent e é, principalmente, de genealogia infernal. Apesar de mudo, é sábio, quem sabe sendo sábio por não ter voz, numa sugestão de que todos os sentidos permanecem para além e para-aquém da escritura.

Os personagens, como vemos, têm pontos em comum. Seus sobrenomes são significantes e seus pronomes sugerem uma família bíblica onde não faltam José, Maria, Joana (de João), Joaquim e Pedro... Os casais promovem um novo recomeço em suas vidas afetivas ao mesmo tempo que a península reenceta um novo destino. Diz Anaiço para Guavaira, relacionando os pequenos ao grande enigma

Embora pareça absurdo, acabamos por acreditar que existe uma relação qualquer entre o que me aconteceu e a separação de Espanha e Portugal da Europa (...). (p.189)

Se, por um lado, os casais representam a libertação de um passado e a promessa de um futuro, adivinhado em amores novos, por outro, Pedro Orce encarna pelo nome (duplamente “pedra” = península e “Orce” = homem antigo) e pelo destino (sua morte, ao final), o próprio passado que é, metaforicamente, enterrado e também vivificado quando da explosão genésica da península (ou seja, quando todas as mulheres férteis engravidam simultaneamente).

“Nenhuma viagem é ela só, cada viagem contém uma pluralidade de viagens, (...)” (p.253), diz o narrador, convidando-nos a pluralizar nossa leitura. A viagem particular e terrestre dos personagens implica uma travessia por cidades e regiões ibéricas segundo os ponteiros do relógio, a começar de Córdova, onde os três homens se reúnem, até alcançar novamente a região de Orce, onde Pedro será enterrado. O trajeto é circular, e a circularidade, imagem arquetípica da perfeição, reproduz a milenar alegoria da serpente que morde a própria cauda, ícone da articulação entre *vida e saber*, e símbolo da sabedoria (lá, perversa) na narrativa bíblica. Por este viés, a viagem do grupo pode supor a leitura da busca de sabedoria ou a procura de verdade individual ou coletiva que se encontra, a primeira dentro de cada um, a segunda no solo pátrio. O percurso, quer os dois personagens por terra, quer o da jangada por mar, só se encerra quando, dentro das mulheres, pelo encontro de dois seres, um novo ser germina. Isto se dá quando o velho ser morre. Vida e morte reentronizam a imagem da circularidade. Diz Orce: “O universo talvez seja um anel”. (p.269)

O amoroso trajeto sobre “as duas pátrias, Portugal embrechado, suspenso,

Espanha desmandibulada a sul" (p.95), se anuncia sobre o mapa desdobrado diante dos olhos dos três homens às vésperas da partida. Eles alisam e afagam o papel, "como se acariciassem um rosto" (p.95). Lembra Pedro Orce que a península tem o feitio duma pele de boi, como já dissera Estrabão, recompondo a imagem da "besta ciclópica que ia ser sacrificada e esfolada para acrescentar ao continente Europa um despojo que haveria de sangrar por todos os tempos" (p.95). No entanto, a península/despojo se ergue da ara, cede "à tentação vagabunda" que o "calo ósseo dos Pirineus reprimia" e assume-se como jangada. A pele despojo ora é baleia que lembra um arco duplo e a própria arca de Noé; ora é ilha; ora é barco. A imagística da navegação comparece nas expressões "proa", "cais", "porto", "almirante":

Vejam-se os portugueses, ao longo das suas douradas praias, proa da Europa que foram e deixaram de ser, porque do cais europeu nos desprendemos, mas novamente fendendo as ondas do Atlântico, que almirante nos guia, que porto nos espera, (...) (p.94).

Nesta passagem, não só a condição portuguesa do passado mas também o papel estratégico do país no contexto europeu nos reenviam à mítica de Portugal como rosto que "fita, com olhar sphyngico e fatal, o Ocidente, futuro do passado". No poema pessoano como na prosa de Saramago o enigma comparece; em ambos um almirante invisível e um "porto sempre por achar".

O sintagma "jangada de pedra", além do título, aparece no corpo da narrativa por várias vezes, no início, no meio e no final. Significativamente o autor não recorre a expressões grandiosas, como "nau" e "caravela" para designar o artefato navegante. Rasurando a mítica portuguesa das grandes navegações, usa o termo "jangada" cujo sentido primeiro é o de "armação feita com as madeiras de um navio para salvamento dos naufragos" (Aurélio). Não haveria aí a intenção de denunciar a precariedade de um povo, *afogado* na sua imodesta auto-imagem e que, de modo reparador, se vale dos fragmentos-*madeiras* de um sonho-*navio* para recompor seu ser nacional? Em outras palavras, a jangada, ao substituir as gloriosas naus, não seria a concretização modesta de uma possível "última nau"?

Dotada de uma intencionalidade inconsciente — não há almirante — a jangada faz uma longa navegação alegórica, seguindo o rumo oeste e sul. A certa altura pára e inicia um movimento diabólico, girando sobre si mesma em direção contrária aos ponteiros do relógio. A rotação dura um mês, reiterando a articulação entre circularidade e perfeição de que já falamos. O acontecimento e os comentários do narrador nos arrastam para uma interpretação que subentende o desejo de autodeterminação dos povos ibéricos. Quando o movimento de revolução se encerra, ocorre a explosão genesiaca na península que daqui a nove meses será uma grande maternidade. Tudo isto nos remete à idéia de amplo rejuvenescimento dos ibéricos em contraposição

à decadência, antiguidade e “esterilidade do resto do mundo ocidental” (p.321). Como pai suposto das criaturas que germinam no útero das mulheres, Pedro Orce se retira da vida em favor de uma nova geração de homens, não mais europeus, e sim (como dizer?) ibéricos do hemisfério sul. Pois a península acaba por fixar-se num ponto entre a África e a América do Sul, parecendo “gêmea dos dois continentes que a ladeiam” (p.323). Um poeta diz que a península “é uma criança que viajando se formou e agora se revolve no mar para nascer, como se estivesse no interior de um útero aquático (...)” (p.319). Nascida em outra latitude, cabe a pergunta: por que entre a África e a América do Sul? Vale lembrar aqui um aforismo de Pedro Orce: “diz-me que fim tiveste e eu te direi que sentido pudeste ter” (p.155).

Esta inusitada viagem aponta para a construção de uma nova identidade nacional capaz de superar o pendular maniqueísmo português, que tem oscilado entre ufanismo triunfalista voltado para o assunto passado e nostalgia depreciativa frente ao presente. Ela não se assenta nos mitos do passado nem em profecias imperialistas. Pelos semas que a constituem, a metáfora “jangada de pedra” expressa uma dialética entre *ser* e *vir-a-ser*: *pedra* lembra “fixidez”, *jangada* remete à mobilidade. No jogo entre “ser permanente” e “ser mutável” pode-se ler uma proposta política para a superação dos traumatismos sofridos pelo povo português ao longo de sua história. Por outro lado, a metáfora sugere a ultrapassagem das ideologias nacionalistas, pois a “jangada” irmana várias etnias e nacionalidades. Enquanto ilha, abre-se a todas as permutas.

No diálogo que entretém com o passado, Saramago desfaz a aura em torno do destino português, alterando o sentido que lhe foi dado por Camões e Pessoa. Do primeiro, substitui a paixão e a glória imperial pelo amor e solidariedade entre povos. No lugar do etnocentrismo português, instala um ex-centrismo ibérico capaz de trocas horizontais e desierarquizadas. Em *Mensagem*, de Pessoa, a Península Ibérica é uma cabeça imobilizada num corpo europeu cujo rosto é Portugal voltado para o Ocidente por meio de um “olhar sphingico e fatal”. Sua missão seria a construção de um “quinto império” cultural sob a liderança intelectual, mas não política, da Ibéria. Na *Jangada de Pedra*, o rosto nostálgico rompe o nevoeiro em direção a um entre-lugar, rasgando a mítica da nacionalidade ao fundir Portugal numa comunidade maior, transnacional e policonstituída. Corrói igualmente a mítica da vocação imperial portuguesa ao subverter a dimensão vertical de sua hegemonia política ou cultural sobre outros povos, em favor de uma proposta de igualdade e solidariedade em que conquistadores e conquistados fazem trocas justas e equilibradas.

Se atualmente os povos ibéricos escolheram outro destino, nem por isso a palavra do autor fica desmerecida. Basta citar, entre outros, o próprio Camões que soube, sob o triunfal manto manuelino, reconhecer as contradições de sua pátria.